

SALVADOR, Gabriela D.D. **A proposta de um corpo mitológico na dança.**
UEMS, professora assistente; UNICAMP, doutoranda em Artes da Cena; Profa.
Dra. Marília Vieira Soares. Dançarina e Arte Educadora.

RESUMO

Este texto apresenta o *corpo mitológico* como uma possibilidade de trabalho com a mitologia sagrada na dança cênica. A proposta do *corpo mitológico surge* a partir da observação da significativa presença da mitologia nas temáticas da dança cênica ao longo de sua história e das práticas psicofísicas usadas pela autora como caminho de criação coreográfica. Este corpo é entendido como um tipo de corpo cênico voltado para a interpretação da mitologia sagrada na cena e é alcançado a partir de trabalhos psicofísicos; os quais despertam os conteúdos mitológicos presentes no inconsciente do dançarino, que, por sua vez, os transformam em movimentos expressivos. A base do conceito teórico do *corpo mitológico está nas* teorias de inconsciente individual e coletivo, advindas da psicologia analítica junguiana e na compreensão da mitologia como resultado de processos psíquicos e biológicos. A Técnica Energética (TE) de trabalho psicofísico sustentam a prática de preparação desse corpo para a cena.

Palavras-Chave: Dança cênica. Corpo mitológico. Técnicas psicofísicas.

RÉSUMÉ

Ce texte présente la proposition du *corps mythologique* en tant que possibilité de travail avec la mythologie sacrée dans la danse scénique. La proposition du corps mythologique se pose à partir de l'observation de la présence significative de thèmes mythologiques dans la danse scénique tout au long de son histoire et à partir des pratiques psychophysiques comme moyen de création choréographique, utilisées par l'auteur. Ce corps est entendu comme une sorte de corps scénique face à l'interprétation de la mythologie sacrée sur la scène obtenu à partir des travaux psychophysiques qui éveillent les contenus mythologique présents dans l'inconscient du danseur qui à son tour les transforment en mouvements expressifs. La théorie de ce corps mythologique est dérivée de l'ensemble des théories de l'inconscient individuel et collectif proposées par la psychologie analytique junguienne aussi bien que la compréhension de la mythologie comme résultat des processus biologiques et psychologiques. La Technique Énergétique (TE) du travail psychophysique est mise en rapport direct avec la pratique de la préparation de ce corps pour la scène.

Mots clés: Danse scénique. Corps mythologique. Techniques psychophysiques.

Apresentamos aqui, resumidamente, alguns caminhos teóricos e práticos que estão possibilitando a definição do que seria o *corpo mitológico*

dentro da pesquisa de doutorado em Artes da Cena da autora. Porém, antes de iniciarmos a explanação sobre esse tipo de corpo cênico, é preciso deixar claro que os conceitos aqui defendidos são resultantes de alguns anos de pesquisa prática com o mito como inspiração poética da dança cênica. Portanto, entendemos que todo conceito teórico só faz sentido a partir de seu experimento na prática; partindo do princípio de que toda teoria da dança nasce de sua prática ou deve, ao menos, ser experimentado nela.

Além da relevância da prática nessa proposta, consideramos igualmente importante ressaltar que o interesse pela mitologia na dança cênica não é uma novidade. Pelo contrário, afinal, se observarmos os temas e as inspirações poéticas utilizadas pelos dançarinos e coreógrafos ao longo da história da dança, verificaremos que a mitologia é temática recorrente, - desde a dança primitiva até a dança contemporânea - o que reforça o interesse da autora pelo corpo que dança o mito.

Assim, a partir de um olhar intrigado pela presença do mito como temática recorrente na dança, iniciou-se uma investigação acerca desse objeto; analisando a história da dança e os artistas que utilizaram o mito como temática para seus trabalhos. A primeira constatação feita ao longo dessa investigação histórica foi de que nem sempre o trabalho desses dançarinos implicava em uma relação coerente entre forma e conteúdo; em outras palavras, o movimento dançado (forma) nem sempre traduzia a potência e a carga humana intrínseca ao mito (conteúdo)¹.

A partir daí, iniciou-se uma investigação prática em busca de um corpo cênico que realize a união entre forma e conteúdo de maneira coerente; ou seja, entendendo e realizando o mito na dança a partir de uma proposta específica de trabalho de preparação de corpo cênico.

Os laboratórios práticos realizados pela autora ajudaram a encontrar um corpo disponível às imagens mitológicas e trouxeram um estado corporal que possibilitou uma sistematização do trabalho com o mito na dança.

A partir dessa investigação surge o conceito de *corpo mitológico*, que é entendido como o corpo que alcança o sagrado mitológico na cena. É um tipo específico de corpo cênico, que trabalha a mitologia como inspiração poética e que é alcançado a partir de técnicas psicofísicas que potencializam os conteúdos mitológicos presentes no inconsciente do dançarino que, por sua vez, os transformam em movimento expressivo.

Para a compreensão de *corpo mitológico* como um tipo de corpo cênico, devemos nos debruçar sobre dois conceitos que embasam esse corpo: o primeiro é o conceito de mitologia e o segundo o de inconsciente.

¹ Essa constatação se deu a partir dos estudos bibliográficos de trabalhos coreográficos relatados ao longo da história da dança onde a temática mitológica era usada como alegoria e não como conteúdo essencial das criações, como nos casos do Balé de corte (séculos XV e XVI), do Balé Clássico (século XVII e XVIII) e em alguns trabalhos da Dança Moderna (início do século XX)

Iniciamos pelo primeiro e esclarecemos que o *corpo mitológico* entende a mitologia a partir da união de algumas definições e ressaltamos aqui duas delas. Uma seria a definição de Mircea Eliade (2004), que a considera como sendo as histórias aquelas que narram as ações dos seres sobrenaturais (ou sagrados) no mundo:

Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmos, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. (...) o mito fala apenas do que *realmente* ocorreu, do que se manifestou plenamente. (...) Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do “sobrenatural”) no Mundo. (ELIADE, 2004, p.11)

Podemos observar que, para Eliade, o mito não é uma história inventada pela imaginação criativa de nossos ancestrais, mas a maneira como o ser humano encontrou para dramatizar as intervenções do sagrado no mundo mundano. Essa definição ainda traz inúmeras considerações relevantes a essa pesquisa – em especial, a compreensão de que a história mitológica deve ser considerada uma verdade – porém, nesse momento, nos debruçaremos apenas na consideração de que a mitologia é uma narrativa da maneira como uma realidade surgiu.

A outra definição de mitologia que embasa essa pesquisa é a de Keleman e Campbell (2001), que aprofundam a primeira, levando-nos a pensar o corpo como a fonte de criação do mito:

A mitologia é uma função biológica [...] um produto da imaginação da soma. O que os nossos corpos dizem? E o que eles estão contando? A imaginação humana está enraizada nas energias do corpo. E os órgãos do corpo são os determinantes dessas energias e dos conflitos entre os sistemas de impulso dos órgãos e a harmonização desses conflitos. Esses são os assuntos que tratam os mitos. (CAMPBELL, 1980, apud KELEMAN, 2001, p.25)

Para esses autores o ser humano só pode entender um mito a partir de seu corpo, que o revive a todo instante, inclusive no sentido biológico. Keleman, ao dialogar com as teorias de Campbell, afirma que “cada ser humano é um nômade, uma onda que dura por algum tempo e então assume uma nova forma somática” (KELEMAN, 2001, p.101), e que essa transformação perpétua é o assunto de todos os mitos.

Conforme esse ponto de vista, o corpo de cada humano é único e, por isso, seria esse corpo único quem determinaria os mitos com os quais cada um dos homens se envolve e se identifica e - aprofundando um pouco mais - seriam seus corpos os determinantes na construção das narrativas míticas; o que faria o mito surgir desses corpos e representar seus processos de desenvolvimento e de relação de trocas com o mundo. A partir desses pressupostos, como defendem os autores, o mito seria uma história que brota de um processo corporal para orientar nossas vidas e indicar nossos valores.

Fazendo uma análise mais profunda sobre essas considerações observamos que os autores iniciam um processo de inversão da definição comumente aceita de mito considerando-o não apenas como uma história que o homem usa para responder questões que estão além de sua compreensão racional – como é de senso comum. Os autores também entendem o mito como sendo a maneira que o corpo escolheu para entender o mundo, a partir de seu saber sensível - de seu saber não racional-inteligível, e sim corporal.

Passamos agora para o segundo conceito importante a ser compreendido para esclarecermos o *corpo mitológico* como um corpo cênico que trabalha a mitologia; o conceito de inconsciente.

Para essa compreensão, partimos das teorias de Carl Gustav Jung que apresenta o inconsciente como parte da psique humana (juntamente com a consciência²), dividindo-o em inconsciente pessoal e coletivo. O inconsciente pessoal é aquele que contém os conteúdos de natureza pessoal, adquiridos durante a existência do indivíduo e o inconsciente coletivo seria aquele cujos conteúdos seriam de natureza coletiva - herdados universalmente pela história humana e não pela história individual (JUNG, 1979, p.4).

Jung considera que os mitos são parte dos conteúdos do inconsciente – tanto do pessoal quanto do coletivo - tendo suas raízes no último. Em outras palavras, os mitos são conteúdos advindos do inconsciente coletivo humano - adquiridos ao longo da existência de nossa espécie - e se manifestam a partir do que ele chama de arquétipos – que, por sua vez, seriam núcleos instintivos passados de forma psicobiológica, de geração a geração, trazendo padrões de comportamento herdados desde o surgimento da humanidade e mesmo antes dela. Já os arquétipos seriam tendências ou possibilidades de representação de um motivo ou tema, conforme Jung nos explica:

O arquétipo é uma tendência a formar essas mesmas representações de um motivo – representações que podem ter inúmeras variações de detalhes – sem perder a sua configuração original. Existem, por exemplo, muitas representações do motivo irmãos inimigos, mas o motivo em si conserva-se o mesmo. (...) o arquétipo é, na realidade, uma tendência instintiva, tão marcada como o impulso das aves para fazer seu ninho e das formigas para se organizarem em colônias. (JUNG, 2008, p83)

O mito é, justamente, uma manifestação dessas tendências e Jung considera que a psique se constrói em uma conversa continua entre consciência, consciente individual e consciente coletivo e chega a analisar os processos criativos artísticos em algumas de suas obras³, levando-nos a entender a importância e a influência dos conteúdos do inconsciente (e,

² Consciência é, para Jung, o mecanismo da mente humana que mantém contato direto entre mundo exterior e interior, ou seja, a percepção, a atenção, o raciocínio, a memória.

³ Como, por exemplo em JUNG, Carl Gustav. *O espírito na arte e na ciência*. Trad. Maria de Moraes Barros. Petrópolis. Ed Vozes, 2007. 140 p., onde ela sugere uma análise do trabalho de Picasso.

consequentemente, da mitologia) nos processos criativos. Unindo esses dois conceitos – mitologia e inconsciente – passamos a entender a mitologia como parte intrínseca do corpo humano (via inconsciente⁴), levando-nos a considerar a inspiração mitológica como potência orgânica do corpo que dança.

Partindo desses conceitos e encontrando um caminho prático para o trabalho com esse corpo, sugerimos o uso de técnicas psicofísicas de trabalho pré-expressivo para a criação em dança cuja inspiração é a mitologia e, consequentemente, para o alcance do *corpo mitológico* como sugestão de corpo cênico. Essas técnicas psicofísicas são aquelas que equilibram a união do trabalho de corpo e mente e colaboram com o *corpo mitológico*, na medida em que aliam os conteúdos do inconsciente com o movimento dançado. Tal prática traz à tona as imagens mitológicas do inconsciente do dançarino, fazendo com que essas imagens tornem-se as fontes poéticas do movimento expressivo.

A técnica psicofísica utilizada nesta pesquisa vem sendo, até o momento, a Técnica Energética (TE)⁵, que consiste em um trabalho corporal que envolve concentração e potenciação corporal através de movimentos de contração, relaxamento, expansão e dilatação corporal, que promovem estados corporais que ativam os conteúdos do inconsciente do dançarino deixando-os atuar, livremente, nos movimentos expressivos.

É importante ressaltarmos que a TE não é o único caminho para alcançar o corpo mitológico aqui proposto e que a autora investiga, nesse momento, outras possibilidades de trabalhos psicofísicos que auxiliem esta proposta. Porém, a TE vem sendo utilizada com frequência na presente pesquisa e já se mostrou como um caminho eficaz e sistematizado para o trabalho do corpo cênico aqui proposto, aliando a forma dançada (movimento) ao conteúdo trabalhado (mitologia).

Podemos, então, dizer que a proposta do corpo mitológico se mostra como uma possibilidade real de trabalho com o corpo que dança o mito na medida em que possibilita que a mitologia se concretize no corpo do dançarino - na forma de movimento expressivo coerente e potente - e traduzindo o mito como verdade corporal e, portanto, como material poético de inspiração artística.

Referências bibliográficas

⁴ Não podemos deixar de dizer que o corpo mitológico não separa o corpo físico do corpo psicológico, ou seja, não se para corpo e mente, entendendo o corpo como um conjunto de processos físicos, biológicos, psicológicos, emocionais e sociais.

⁵ O detalhamento desta técnica pode ser encontrado em SOARES, Marília Vieira. *Técnica Energética: Fundamentos corporais de expressão e movimento criativo*. Dissertação de Doutorado. Campinas/ UNICAMP, 2000 e em SALVADOR. Gabriela D. D. *O mito da deusa Kali revelado na dança partir de estados alterados de consciência*. Dissertação de mestrado. Campinas/UNICAMP, 2009.

ARTE DA CENA:
A PESQUISA EM
DIÁLOGO COM
O M U N D O

VII Reunião Científica
da ABRACE

27 a 29 outubro.2013
UFMG - Belo Horizonte



ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Trad. Paola Civelli. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

KELEMAN. *Mito e corpo: uma conversa com Joseph Campbell*. Trad. Denise Maria Bolanho. São Paulo: Ed. Summus, 2001.

JUNG, Carl Gustav. *O Homem e Seus Símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.

JUNG, Carl Gustav. *O eu e o inconsciente*. Trad. Dora Ferreira. Petrópolis. Ed. Vozes, 1979.